

Túmulo de Areia

Geetanjali Shree



Traduzido do inglês por
Constança Paiva Boléo



Título original: *Ret Samadhi*
Título: *Túmulo de Areia*
Autor: Geetanjali Shree

Copyright do texto © Geetanjali Shree, 2021
Copyright desta edição © Grupo Narrativa, 2024
Todos os direitos reservados

Capa: André Santos (Machado dos Santos Tradução e *Design*)
Tradução: Constança Paiva Boléo
Apoio à tradução: António Júnior
Revisão: Grupo Narrativa
1.ª edição: Abril de 2024
ISBN: 978-989-8933-54-6

Narrativa é uma chancela pertencente ao Grupo Narrativa
gruponarrativa.pt

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação, sem autorização por escrito da Editora.

Índice

Nota da tradução inglesa	9
Primeira parte	
<i>As Costas da Maa</i>	13
Segunda parte	
<i>Luz do Sol</i>	165
Terceira parte	
<i>Regresso à Frente</i>	345
Epílogo	483

À minha guru, *minha inspiração,*
minha querida Krishna Sobti

samādhi

1. Estado profundo de meditação; transe, o estado final do ioga.
2. Auto-imolação de um asceta por sepultamento.
3. Local de sepultamento, especialmente de uma personagem sagrada ou de alguém que morreu heroicamente.

NOTA DA TRADUÇÃO INGLESA

O relato *Túmulo de Areia* é tecido com muitos fios, abrangendo a vida urbana moderna, a história antiga, as tradições populares, o feminismo, o aquecimento global, o budismo e muito mais. Apresenta uma heroína octogenária. Presta homenagem à rica tradição da literatura subcontinental inspirada na Partição de 1947 da Índia e do Paquistão. É um relato experimental que brinca com a linguagem, a forma e a estrutura, mas também é um texto envolvente à maneira clássica, completado com momentos de suspense e reviravoltas no enredo.

No entanto, para o tradutor, *Túmulo de Areia* é, acima de tudo, uma carta de amor à língua hindi. Geetanjali Shree escreve fluentemente em inglês, mas opta por escrever em hindi, a sua língua materna. Aprecia o som das palavras e como elas ressoam umas nas outras, com frequência destacando nelas a dhvani – palavra que ela menciona ao longo do romance como uma das mais difíceis de traduzir. Mas tentemos. Dhvani é eco, vibração, ressonância. É aliteração e assonância. Dhvani pode ser deliberada e lúdica, como num duplo sentido ou trocadilho, mescla acidental de semelhança ou reverberação mística. Geetanjali faz escolhas frequentes de palavras que priorizam a dhvani em detrimento do significado no dicionário. O jogo de palavras assume vida própria em muitas passagens e às vezes até impulsiona a narrativa.

O que deve fazer um tradutor com um texto que se concentra na sua própria linguisticidade (esta palavra não existe, eu sei)? Ao longo da minha tradução, esforcei-me por recriar o texto como uma dhvani em inglês do hindi, procurando jogos de palavras, ecos, etimologias e neologismos hindiescos. Também incluí muitos fragmentos de poesia, orações, prosa e canções no idioma original, ao lado das

suas traduções para o inglês, e até mesmo um fragmento ocasional do original que fosse bom demais para prescindir dele. Leitores não familiarizados com o cenário linguístico do Sul da Ásia encontrarão o texto repleto de palavras e frases em hindi, urdu, panjábí e sânscrito. O que podem não perceber é que o texto original também se encontra repleto de palavras em inglês. Na verdade, um lar como aquele em torno do qual a narrativa gira é um ecossistema polifónico no qual talvez nenhuma língua seja falada na sua forma «não adulterada». Aqueles que falam sobretudo inglês frequentemente pontuarão as suas falas com palavras e frases em hindi, e aqueles que falam sobretudo hindi farão o oposto. Na verdade, o romance original é artificialmente centrado no hindi, assim como a tradução é artificialmente centrada no inglês. A verdadeira hibridiz linguística de tal ambiente é difícil de capturar na escrita e muitas vezes é transmitida no cinema. Os leitores da tradução também virão de uma variedade de origens linguísticas, com alguns sentindo que o livro não foi traduzido o suficiente para o inglês e outros sentindo que foi traduzido de mais. Aqueles que se sentirem esmagados por todo o hindi, perceberão que tudo se encontra na internet, muitas vezes com imagens e vídeos a acompanhar. Os que não fizerem ideia do que *Arre, oh, Sambha, kitne aadmi the?* significa e se perguntarem por que não o traduzi, podem simplesmente inserir a expressão num campo de pesquisa e serão imediatamente transportados para o filme clássico de acção *Sholay*, juntamente com seu sinistro vilão Gabbar Singh. Por outro lado, aqueles que sentirem que há muito inglês para o seu gosto, que o hindi os aborda através do inglês e desejarem que o inglês saia do caminho, há sempre a opção de ler o original *Ret Samadhi* (podem até usar a versão em inglês como apoio).

Por fim, uma nota sobre a literatura da Partição: os acontecimentos traumáticos em torno da Partição de 1947 da Índia e do Paquistão deram origem a todo um género literário, numa escala similar à literatura sobre o Holocausto. Alguma da literatura sobre a Partição foi escrita em inglês, mas a muita mais em hindi, urdu,

panjabi e bengali. Ao longo de *Túmulo de Areia* são feitas referências aos grandes autores da Partição em hindi e urdu, especialmente no capítulo que introduz a terceira parte, quando muitos desses escritores ganham vida na fronteira de Wagah, entre a Índia e o Paquistão. Em todos os casos, forneci os títulos das suas traduções publicadas. A Partição do Subcontinente foi um acontecimento marcante com consequências globais profundas e, como tal, a literatura da Partição tem muito a ensinar-nos. É uma vergonha duradoura e uma grande lacuna na publicação ocidental que praticamente todas essas obras clássicas realmente existam em excelentes traduções inglesas mas quase nenhuma delas tenha sido publicada fora da Ásia Meridional.*

* Na tradução portuguesa, optou-se por esclarecer o leitor com notas de rodapé em passagens seleccionadas, por forma a facilitar a leitura. (N. do E.)

PRIMEIRA PARTE

AS COSTAS DA MAA^{*}

* Mamadi, Maa ou Mera Maa são os termos carinhosos, em hindi, para mãe. No texto também será encontrado o termo Amma (mãezinha ou mamã). Por opção da tradutora, nenhum dos termos referidos foi traduzido, para que o texto fosse o mais fiel ao original (cf «Nota da tradução inglesa»). (*N. do E.*)

1.

Um relato conta-se a si mesmo. Pode ser completo, mas também incompleto, como todos os relatos. Este relato em particular tem uma fronteira e mulheres que vão e vêm espontaneamente. Quando há mulheres e uma fronteira, uma história pode escrever-se por ela própria. Nem é preciso mais do que mulheres. As mulheres são histórias em si, repletas de agitações e sussurros que flutuam ao vento, que se dobram com cada folha de relva. O sol poente reúne fragmentos de relatos e molda-os em lanternas brilhantes suspensas nas nuvens. Também estas se juntarão à nossa história. O percurso desenrola-se sem saber onde irá parar, rodando à direita e à esquerda, virando-se e revirando-se, permitindo que tudo e qualquer coisa se junte à narrativa. Emergirá do interior de um vulcão, inchando silenciosamente à medida que o passado borbulha no presente, trazendo vapor, brasas e fumo.

Há duas mulheres nesta história. Além destas mulheres, há outras que vão e vêm, as que estavam sempre a chegar e a partir, as que se detiveram, mas que não eram assim tão importantes, e as por mencionar ainda, as que nem sequer eram mulheres. Por agora, digamos apenas que duas mulheres são importantes, e, destas, uma mirrava e a outra crescia.

Havia duas mulheres e uma morte.

Duas mulheres, uma morte. Que bem que nos vamos dar, nós e elas, quando nos sentarmos todos!

Duas mulheres: uma mãe, uma filha, uma a crescer para baixo, a outra a crescer para cima. Uma ri-se e diz, estou a diminuir de tamanho de dia para dia! A outra está triste, mas não diz nada quando se vê a ficar maior. A mãe deixou de usar saris agora que tem de meter mais de metade do tecido à volta da cintura e levantar

as bainhas dos saiotes a cada dia que passa. Será que ir diminuindo gradualmente de tamanho nos torna parecidos com os gatos, de forma a conseguirmos passar através de pequenas fendas e escapar? Conseguirmos abrir uma fronteira e esgueirarmo-nos através dela? De desenvolvermos uma forma de obter uma quase invisibilidade?

Deve ter sido por isso que a mãe conseguiu esgueirar-se pelo outro lado da fronteira enquanto a filha continuava a remoer por estarem ali tão presas. É também possível que a mulher menor estivesse realmente inocente quando se recusou a confessar ter cometido qualquer crime, fosse relativo a permissões legais, debates sobre nomes ou acusações de roubo.

Aqueles que não compreendiam os seus argumentos consideravam-na louca, até mesmo cruel. Suspeitavam que estivesse a enganá-los propositadamente.

Ela salientou que os homens ficavam sempre com o melhor dal para comer, e as mulheres apenas com a papa que restar, não é? Umm? Falou sem receio. E então? E então isso faz com que esteja certo?

Mas se se olhar para eles sem receio, será que os guardas fronteiriços percebem? Atravessou a fronteira, repreendem.

Ela solta uma gargalhada. Qualquer coisa que valha a pena transcende as fronteiras. É suposto não fazer nada?

Não, respondem eles, e ninguém é tão tolo que não saiba isso. Até as cabras e as vacas sabem onde não devem extraviar-se. E a sua visão não é tão má que não consiga ver, por isso, como pode ser perdoadada?

Mas quem é que está a pedir perdão? Ri-se às gargalhadas e a filha cada vez maior, chora. E é só isto que há para ver? Talvez também eu tenha visto uma ou duas coisas. Talvez tenha tentado ver com os meus próprios olhos, por uma vez que fosse.

Já que ia cair, não queria que fosse de borco. De onde quer que a bala viesse, onde quer que acertasse, cairia de costas e ficaria deitada de costas no chão. Majestosamente. Com os olhos cheios de céu.

Deixa-me praticar, dizia à filha.

A mãe começara a ter soluços recorrentes. Soluçava e soluçava e soluçava. Não estivesse a filha naquele estado, e talvez tivesse

começado a perguntar-se se aqueles soluços eram verdadeiros ou falsos. Não vão parar com água; dá-me um soco nas costas! ordenava a mãe. Se o soco não for suficientemente forte, experimenta um pontapé em corrida, bum! Experimenta nas costas ou no estômago ou nos flancos e de modo que eu caia, mas de costas, de olhos abertos, com a cabeça virada para cima; de certeza que os soluços vão parar. Era uma solução estranha, mas a filha fez o que a mãe pediu. Deu-lhe pontapés e pontapés, *bum bum bum*, e com esse novo jogo a mãe estava sempre a cair *bam bam bam*. Após algum alarido, as pessoas que observavam também desataram a rir – Só visto! Esta velha é de mais! Mas a mãe disse à filha que ela tinha de estar preparada.

Para resumir, enfim, o que aconteceu: veio a voar uma bala na direcção da mãe, mas nessa altura ela já se tinha tornado perita em cair de costas. Veio uma bala, perfurou-lhe o corpo, entrou e saiu pelo outro lado. Qualquer outra pessoa ter-se-ia estatelado de borco na lama, mas a mãe virou-se de costas como se estivesse a dar uma cambalhota. Ficou no chão numa atitude de vitória, elegante, de cara para cima, como se estivesse reclinada numa cama macia e o céu fosse o seu cobertor.

Para aqueles que consideram a morte um final, ali estava o dela. Mas aqueles que estavam mais informados sabiam que aquilo não era o final; sabiam que ela apenas atravessara outra fronteira.

Por isso, não faz mal começar a história a partir deste ponto, ou seja, assim, como estamos a fazer.

2.

Antes de tudo isto já tinha havido uma morte. A de um homem, cuja bengala a mulher recusou usar para se levantar. Esse homem era o marido desta mesma mãe e pai desta mesma filha. A sua presença ainda se fazia sentir, mesmo na morte. Mas independentemente de ele ter ou não ter morrido, parecia que esse era certamente o caso da sua viúva. Pelo menos era a impressão que ela dava deitada no quarto dela.

No quarto *deles*. Num canto da casa. Na cama *deles*. No Inverno. Edredão grosso. Botija de água quente. Gorro de lã. A bengala ainda pendurada no gancho. A chávena ainda na mesinha de chá ao lado da cama, sem água. Quando estava vivo, era ali que ele punha a dentadura à noite. De manhã, pegava na dentadura antes de pegar na bengala.

Lá fora, um frio de tiritar; dentro, a mãe, tiritando.

Ela era um chumaço, não parava de encolher de momento a momento, enviava de dentro do seu grande edredão um sinal confuso de que ainda ali estava algures. O chumaço comprimia-se num dos lados, depois subia um pouco, depois descia, depois ia para acolá. Estaria ela a testar até onde conseguia estender-se? Ou estaria apenas a virar a cara, a virar as costas aos filhos e netos, arrastando-se em direcção à parede para se encostar a ela com todo o poder dos seus quase oitenta anos e ver se conseguia esgueirar-se completamente através dela?

A parede desempenha um papel especial na nossa história. (Tal como fazem as portas, uma vez que as usamos para passar de um lado para outro, daqui para ali, através dos séculos, de sempre para sempre).

Não é uma parede invulgar. Nenhuma característica artística em especial. Nem uma parede do deserto de Thar cravejada de pequenos espelhos, nem uma parede coberta por uma colagem de picos rochosos ou algo do género, com diferentes formas e cores, nem enfeitada de grinaldas de ouro e impressa com padrões para um casamento; nem tomada por um ilusório desejo de na viragem da modernidade parecer velha sendo nova, nem ansiosa por enganar os nossos olhos para vermos uma parede de plástico como que rebocada de barro, eriçada de ervas falsas ou com um padrão em mosaico de mármore liso; nem sequer uma parede maravilhosa, colorida, alta, laranja-azul-verde brilhante feita por multinacionais e que nunca desbotaria, nunca se riscaria e nunca pelaria, imperecível, imortal, duradoura.

Era apenas uma simples parede de tijolo e cimento – uma parede amarelecida, caiada, da classe média, mantendo juntos o tecto, o

chão e a porta, com uma rede de canos, fios e cabos dispostos no interior, cumprindo a sua função de parede para cingir toda a casa.

Eis o tipo de parede em direcção à qual a Maa, já quase com oitenta anos, deslizava, gradualmente. Uma parede fria, durante aqueles dias de Inverno, e cheia de rachas, como as paredes normais podem estar.

O que nunca pode saber-se ao certo era se a parede desempenhava o papel principal puxando a Maa na sua direcção ou se era o próprio desejo desta de virar as costas à família que a atraía para dentro dela. A verdade é que a Maa se aproximava cada vez mais da parede e as suas costas se tornavam elas próprias uma parede, mantendo à margem aqueles que a vinham convencer e persuadir: Levante-se, Maa, Levante-se!

3.

Não, não vou levantar-me, nada de levantar-me, não vou, murmurava o chumaço dentro do edredão. Não, não, não vou, nada de levantar-me.

Estas palavras assustavam e os filhos começaram a insistir mais. Tinham medo. Ó! A nossa querida mãe! O Pai foi-se embora e está a levá-la com ele!

Pare de dormir tanto, levante-se por favor.

Ela continua a dormir. Deixa-se simplesmente estar ali deitada. Os olhos fechados. De costas para eles. Eles sussurram.

Quando o Pai estava vivo, ela dedicara-se completamente a tratar dele. Andava atenta, sempre pronta, por mais cansada que estivesse. Atarefada a ser feita em papa; muito viva. Irritável, nervosa, lidando com tudo, esfalfando-se, inspirando e inspirando e inspirando.

A inspiração de todos fluía através dela, e ela inspirava o ar de todos.

E agora diz que não vai levantar-se. Como se o Pai fosse a sua única razão para viver. Agora que ele se foi, será que também se foi o juízo dela?

Não, Maa, não, insistiam os filhos, olhe lá para fora, o sol está a brilhar, levante-se, pegue na bengala, está mesmo aqui pendurada, experimente um pouco de arroz grelhado, tem ervilhas. Se calhar está com diarreia, dêem-lhe um pó digestivo!

Não, não voooooou. Não, nã nããã, geme a Maa.

Está cansada, coitada, sozinha e derrotada, levantem-na, envolvam-na nas coisas; entretenham-na! A simpatia flui deles imensurável como as águas do Ganges, inundando as costas da Mãe.

Nãããã voooooou, tenta a Maa gritar. Mas a voz sai-lhe um gemido.

Será que a Maa pensou que os esforços dos filhos para a fazerem viver a empurravam para dentro da parede? Terá sido isso? Quando se aproximavam passos da sala, ela virava as costas, colava-se à parede. Fazia-se de morta, os olhos e o nariz fechados, as orelhas impedidas, a boca cosida, a mente entorpecida, os desejos extintos; a ave dela tinha voado.

Mas os filhos também eram teimosos. Aprofundaram. Como fazer olhos nariz orelhas crescerem naquelas costas?

Era sempre o mesmo, sempre o mesmo para ela. Os mesmos guinchos e gritos. O mesmo fogo, a mesma força e a mesma farinha. O mesmo lavar de fraldas. Nãããã, nãããã, repetia ela.

Não havia nenhuma maquinação: as palavras dela – maquinais. Uma máquina a abrandar. Um mecanismo desgastado. Na languidez da conservação de energia, ela murmurava frouxamente, não, nnnnãããã.

Nããããã me levanto maiiiiis.

Apenas algumas palavras, mas assustaram os filhos. A Maa está a morrer!

Palavras. Mas, na verdade, o que são palavras, hum? São meros sons com significados pendurados. Que não têm lógica. Encontram o seu próprio caminho. Com origem na briga entre um corpo a afundar-se e uma mente a afogar-se, agarram-se aos antónimos. A planta semeada era uma tamareira; o que florescia era hibisco. Lutam entre si – envoltas no seu próprio jogo.

Não. não vou levantar-me: quem brincava com o medo e a morte

dessa frase? Estas palavras mecânicas tornaram-se mágicas e a Maa continuava a repeti-las, mas estavam a tornar-se outra coisa, ou já se tinham tornado.

Uma expressão de verdadeiro desejo ou o resultado de uma brincadeira sem objectivo?

Não, não, não vou levantar-me. Nãããoo, nãooooo vou pôr-me em pé. Não vooooo pôr-me em pé. Nã, nãããããã voooooo pôr-me em pé. Não, novamente em pé. De novo em pé.

4.

O brotar da palavra, criando um murmúrio próprio. Repleto de desejos ocultos. Os não dos moribundos guardam os seus próprios segredos. Os seus próprios sonhos.

Assim. Uma árvore cresceu, criou raízes. Mas: cansada das sombras em volta de rostos familiares, do abraço de folhas de fragrâncias familiares, do gorjeio nos ramos, das mesmas velhas vibrações. E desse modo aconteceu a árvore sentir-se sufocada e murmurar, *não vou, não vou!*

Mas há vento e chuva, e o não esvoaça entre eles e toma a forma de um fragmento. Um pedacinho que adeja e se volve e revolve e voa-voa-revoa e rodopia à volta do ramo numa fita de desejo que o vento e a chuva unem para ali manter. Fazem nó atrás de nó. Mais um nó. Um não, nó. Um nó noto. Um nó nato. Um nó novo. Um desejo novo. Novo. Noovo. Formando-se. A nova recusa do não. Esvoaçar, voar, volver.

É, pois, a mesma velha árvore. Aquela que vemos bem à nossa frente. Uma pluma de fumo – *não vou não vou* – no seu tronco e nos ramos baixos, arrastando-se e pendendo de cima – *não vou não vou* – e então os ramos e os rebentos – mãos e dedos – saltam em direcção à lua no céu – *nãvou nãvou* – nova nova.

Ou do tecto. Saltando arrastando. Ou da parede.

Onde foi encontrado um buraco, ou fez um, de onde um ser

minúsculo, um sopro irregular, rasteja para fora. Derrubando a parede, sopro a sopro.

5.

Há alguém que odeie os seus? Mas certamente há quem possa exasperar-se.

Levante-se.

Não.

Luz do sol.

Não.

Sopa.

Não.

Costas. Silêncio. Parede.

Mal Sid chegou, correu para ela. Sid, o neto preferido. Siddharth, agora Sid. A única pessoa a quem ela não consegue voltar completamente as costas.

Está aqui deitada desde manhã.

Até foi à casa de banho, mais tarde do que o habitual, depois voltou e ficou na cama.

Não come, não bebe, nem sequer leva o chá aos lábios.

As flores desabrocham, mas ela não quer saber.

Crisântemos, mas ela não vê.

Sid tem os seus métodos. Vai e vem sem ninguém se aperceber. Lá fora a correr, ou no ginásio, num jogo de críquete, num torneio de ténis, pavoneando-se por aí com a sua guitarra, provocando, brincando, os pais a repreenderem, sempre perspicaz e brincalhão com todos. Entra sorrateiramente com o taco ou a raquete, atira qualquer coisa para o chão, borrifa água nas mãos, na cara, atira uma *T-shirt* para o lado, polvilha-se com talco, agarra numa maçã e começa a trincá-la e vai directamente para o quarto da Daadi, a avó paterna. Avó, sua marota, levante-se e mexa-se!

O *não não não* da Daadi não vai resultar aqui. O que devem fazer as costas agora, face a este sopro de ar fresco?

Ela choraminga, mas afectuosamente. “Tá tão frio. Sussurrosus-surro murmurmurmúrio. Ela derrete-se um pouco.

Uma desculpa. Mas verdadeira. Uma vez pronunciada, mais verdadeira. Verdadeira a sério. Tremendo debaixo do edredão, tremores tropeçando à solta como um rato correndo na escuridão, a Maa fica tensa e esconde-se, mas Siddharth é Sid. Tem de tentar. Então sussurra-lhe as antigas rimas da mãe dela sobre o Inverno: *chila jaara din chaalees, poos ke pandrah, maagh pachees – cortante e frio Inverno durante quarenta dias, quinze para o mês de Poos, vinte e cinco para o mês de Magh.*

Fala, após um silêncio, e cita um provérbio melodioso. A voz canta. Uma onda ondulante. *Aquele cccccortante fffriiio durante qqquarenta dias, qqquinzeeee para Poos, vinte e cincocco para Mmmagh.*

Espectacular, Daadi! Tu e eu devíamos concorrer aos Grammys, ganhávamos de certeza!

Sid correu a buscar a guitarra. Pendurou-a ao pescoço e saltou para a cama da Daadi. Começou a dedilhar e a cantar a plenos pulmões à sua maneira – *apenas frio, frio... apenas frio friorento, os frios quarenta dias quarenta quarenta... quinze para Pus, em Pus, e vinte e cinco para Magh, para Magh, yo yo yo... o mesmo de sempre.*

Era impossível não rir. A Maa esboçou um ligeiro sorriso. Simplesmente não conseguia virar as costas a esta criança. Não conseguia permanecer morta, moribunda, ao pé daquela entusiasmante zoa-zoante exultação.

Se fosse outra pessoa qualquer, ela voltaria as costas, fecharia os olhos, um chumaço meio-morto. Indiferente a todos os papéis: mãe mulher viúva, estilo mãe estilo mulher estilo viúva, ou embrulhá-las-ia todas num único papel (numa única pele?) estilo família, farta de tudo.

E assim, ao mais pequeno som da porta da casa, enrolar-se-ia e morreria, encolhida contra a parede, de costas inanimadas voltadas para o mundo.

Mas a porta manteve-se aberta – metaforicamente, diga-se. Alguém de passagem. Há um som. O ouvido bem treinado da mãe reconhece instantaneamente, de uma vida inteira em sintonia com os sons dos outros, que alguém acabou de entrar pela porta.

A porta...

6.

A porta. Não eram muitos os que sabiam que esta não se tratava de uma porta normal. Gerações tinham habitado dentro das paredes que ela protegia.

A porta da casa do seu filho mais velho. Onde as paredes vão tomando diferentes formas ao longo do tempo, mas que na realidade existem dentro do abrigo daquela porta aberta; onde aquela mesma casa se mantém de pé, geração após geração.

É esse o destino das casas dos filhos mais velhos.

Este primogénito em particular – chamemos-lhe Bade – há bastante tempo que tinha o tipo de emprego no sector público que envolve muitas deslocações, por isso as suas casas e paredes estavam sempre a mudar de cidades e a sua porta permanecia aberta em todos os distritos.

Paredes itinerantes. As portas da casa de Bade deslizam? Dançam? Será a porta um touro que puxa as paredes da casa como uma carroça? Esta é a mesma casa em que o pai (e o avô) da família sempre reprimiram os seus serviços e os seus descendentes. Uma vez, esta casa estivera nas margens do Ganges, perto de campos de rosas, no solo oriental de Uttar Pradesh. Então, deixando alguns habitantes da casa entre as fragrâncias das flores, os restantes tinham ido viver para perto das fábricas de perfumes das cidades próximas. Diz-se que alguns passaram das rosas e do óleo attar para os campos de ópio. Entre estes, alguns tornaram-se consumidores de ópio e autodenominaram-se zamindars. Até que chegou o dia em que o filho mais velho da casa, pai do filho mais velho da actual família, e marido da actual mãe morta-viva, cortou com aquelas relações

decadentes e humilhantes. Pegando em nove mil rupias como a parte que lhe cabia das paredes, tornou-se funcionário público e lançou-se numa expedição pela nação, multiplicando a sua tribo de bangaló em bangaló, sem se aperceber que apesar de ter embolsado a sua parte do dinheiro e ter partido, levava consigo a casa com fragrância de rosa, limitando-se a derramá-la em diferentes estruturas de tijolos e argamassa.

Contudo, não fizera deliberadamente nada de desonesto, por isso não seria justo considerar fraudulentos os seus actos. Não estava ciente da tenacidade das paredes, desta sua propensão, e de como, quando o filho seguinte toma as rédeas, os outros vão com ele. Os veículos mudam, as lareiras mudam, os tempos, as cidades, as alturas, as larguras, tudo de uma ponta à outra, todos Senhores da Inconstância, mas desde o início ao fim dos tempos, aquela mesma casa, as suas paredes e a sua porta sobreviverão.

Mas porquê falar aqui mal do pai? Os nossos grandes sociólogos têm ladrado à árvore errada. Têm argumentado que a família comum está a desintegrar-se, os lares ancestrais estão a colapsar; o estilo indiano está a tornar-se o estilo egoísta. Mas a família comum é uma casa invisível – não tinham pensado nisso – e as casas são feitas de paredes que deslizam – também não tinham pensado nisso. Paredes dançantes deslizantes oscilantes bem-cheirosas e, mantendo-as todas juntas, uma porta silenciosa. Aberta. Vertical. Através da qual todos podem entrar ou sair. Sair e entrar. E continuar a entrar. Continuar a ir.

Quando atravessamos uma coisa, rasgamo-la. E se for uma porta? Ao entrar e ao sair, rasgamos-lhe por completo o coração.

E o que é despedaçado desenvolve uma capacidade maior de discernimento e tolerância. Uma capacidade para experienciar sensações que escapam à atenção dos outros. É assim, perceba-se, a porta de casa do filho mais velho através da qual fluem gerações.

A porta da casa de Bade sabe que tem de permanecer aberta aconteça o que acontecer, e não há restrições para os que entram – nem hora de chegada, nem necessidade de aviso ou de bater antes

de entrar. Sempre de entrada livre e sem custos. Pode-se ter acabado de sair da banheira embrulhado numa toalha e encontrar ali um conhecido da aldeia que tenha aparecido com a mulher e os filhos, e não há nada a fazer senão sorrir e pedir que lhes sirvam chá e aperitivos, vestir qualquer coisa, e nunca deixar de perguntar-se quanto tempo planearão os convidados ficar. O filho precisa de um emprego, a filha precisa de arranjar noivo, alguém precisa de ser admitido em algum lugar – podem ir satisfeitos ou tristes ou gananciosos ou necessitados, quem sabe o que os levou àquela porta. Uma pessoa pode ter acabado de colocar uma máscara facial hidratante, ou estar a pintar o cabelo com hena, quando, subitamente, a cunhada aparece, para apresentar um amigo à Maa que talvez a faça sentir-se melhor, e também é a hora da refeição, por isso todos *têm* de acabar por comer, e uma pessoa tem de ir com a máscara ainda posta, toda esborratada, parecendo um fantasma. Ou o neto pode estar a partilhar alguma coscuvilhice sumarenta com a amiga ou o amigo e a dizer coisas como *vai-te foder vai à merda* no preciso momento em que alguém aparece à porta. Vendo, ouvindo, sorrindo, acrescentando comentários e críticas, intrometendo-se com as suas perspectivas. Aqui nem sequer existe no dicionário a palavra *privacidade*, e se alguém reclamar por tal direito recebe um olhar de desconfiança. Mas afinal, o que está a esconder? Que estranho.

E o que compreende o circuito fechado de televisão dos segredos omniscientes de uma porta? Tem uma fé cega na sua própria perfeição tecnológica, por isso como poderia entender que existe algo como uma porta que tudo vê, tudo ouve, tudo regista, e que faz tudo isso muito antes de *existir*? Toda a gente tem andado para a frente e para trás desde sempre.

Todavia, às vezes alguém se aproxima, uma ou duas ou talvez três pessoas que estão prestes a entrar e depois param – *hmmm* – terei ouvido respirar? Um pé, levantado para entrar, faz uma pausa, paira no ar. Um drama desenrola-se nesse momento. Preso no meio do ar, balançando dramaticamente, um pé levantado como que assustado, e agora não consegue decidir se avança ou regressa para o lugar de

onde veio. Como num dilema sobre onde se encontra o mundo: à frente ou atrás? O que é real e o que é faz de conta?

O pé levantado torna-se uma pergunta pairando – *estou deste lado ou daquele?*

Sempre que a irmã de Bade se detém nesta pose à porta dele, dardeja-lhe um pensamento na mente – *tenho andado a representar durante todo este tempo, ou estou prestes a começar?*

7.

A irmã de Bade não gostava de aeroportos porque passava a vida neles. Sentia-se como um pequeno insecto entre muitos, presa num laboratório. Luzes falsas, paixões falsas, falsos empurrões e encontrões. Insectos como ela, amontoados em cada fresta, todos incrivelmente atarefados e terrivelmente ridículos, correndo em todas as direcções, à procura das suas portas de embarque. Todos estão vestidos com roupas limpas e bem passadas, todos puxam malas idênticas com rodinhas. Nesta fluorescência cintilante, todos os movimentos são observados, cada uma das particularidades é captada pelas câmaras. Aquele insecto acabou de acariciar a gola da blusa Louis Vuitton com a mãozinha minúscula, aquele acabou de enfiar um dedo no nariz!

Que tipo de desporto proactivo se realiza nesta ampla arena? Será que os cientistas nos reuniram quando ainda estávamos aninhados dentro dos nossos ovos sob calor e luz controlados – a nossa incubadora – para nos verem a eclodir, abanando nesciamente os braços e pernas no ar, rolando de pernas para o ar e depois desaparecendo na velhice? De confusão a confuciano. Insectos que permanecem em linha, insectos que quebram a linha, insectos que se espalham. Seguidos por olhos vigilantes. Desconfiados, interrogativos.

O ovo racha, balança, é radiografado.

Para os insectos é normal serem insectos, mas para os humanos, *argh*, é uma infâmia serem insectos!

Há que manter um olhar atento sobre eles. Observar. Analisar.

Mas na verdade, esta observação, esta análise – é uma experiência

que percorre gerações de irmãs e filhas. Agora que querem abandonar as famílias e levantaram um pé para se afastarem e estão perdidas na dúvida, questionando-se se devem entrar ou sair – chegam ao aeroporto. Fugindo de um tipo de vigilância, caem sob o olhar de outra. Irritam-se com o ambiente de uma forma familiar e desenvolvem uma aversão compreensível pelos aeroportos.

8.

Há que dizer algo sobre a filha. Vamos chamar-lhe Beti. Afinal, ela é uma das mulheres principais da nossa história e fará sentir a sua presença. Ambas as mulheres são essenciais para a família e por isso estão unidas por um amor que tanto as engorda como as faz passar fome. Se engordar ou passar fome ainda não aconteceu, certamente acontecerá na devida altura.

Não tragamos para aqui todos os momentos passados e histórias, uma vez que no presente não temos necessidade deles. Acabaram e não temos de estar sempre a lembrar-nos de tudo. Como quando a Beti crescia e a Maa ainda não tinha envelhecido e a família era constantemente turvada por controvérsias sobre códigos sociais, tradições, cultura, protecção e a Maa ficava sem fôlego ao tentar acalmar a respiração de todos os outros.

Mas o mais engraçado era que, entre tudo o que havia a fazer, a Maa conseguia forjar um caminho em direcção ao proibido.

Como a janela que abria para o pomar de goiabeiras. Foi a Maa que desbravou esse caminho escondido para os vaivéns de Beti. No interior, havia um constante alvoroço de *Não, nem pensar, ela não vai sair!* E, entretanto, Beti saltava pela janela aberta e batia as asas como um passarinho. Só a Maa sabia. Para os restantes, quando souberam que ela não estava no quarto, Beti estava ocupada a jogar antakshari, em que canta a plenos pulmões no comboio *chuc chuc chuc* com a sua equipa. Subia uma montanha, ou mergulhava no mar, ou arrancava fragmentos de estrelas e pendurava-se em frágeis pedaços de palha, desmoronava, ia abaixo e, durante tudo isto, a Maa

ainda confiava nela e, quando essas estrelas e palhas evoluíram em formas de rapazes e amantes, a Maa ainda abria a janela toda para a filha saltar e ir ter com eles.

A janela tornara-se tão útil que a Maa também aprendeu a içar-se até ela, rodar e saltar. Saía no silêncio da noite com petiscos – shakkarpara, mathri, bati chokha em pacotinhos – e ia ter com Beti, banida de casa, escondida entre os densos arbustos de carandeira ao longo do muro divisório, onde davam risadinhas como menininhas.

E não esqueçamos o dia em que sobre os arbustos a Maa passou à filha banida ou fugitiva um sari verde-vivo de Banarsi para ela usar no casamento de uma das amigas, e lhe tirou as medidas enquanto se picava toda nos espinhos, de modo a ajustar a blusa a condizer para a ocasião. E a maneira como estas duas mulheres se escondiam nesses tempos, assustadas, conversando, olhando em volta ansiosas, desatando a rir: era como o romance proibido do século – o suficiente para trazer as lágrimas aos olhos.

Mas não vamos deixar a nossa história desviar-se por dias remotos.

O contexto actual é este: Beti, que vivia sozinha, viera para animar a Maa, deitada sozinha. Mas ainda não havia janela aberta. Era Inverno.

9.

Beti. As filhas são feitas de vento e ar. Invisíveis mesmo em momentos de quietude, onde apenas os muito sensíveis as percebem. Mas se não quietas, então em agitação... e oh, como se agitam... e o céu inclina-se tanto que é possível tocar-lhe se estendermos a mão. A terra seca racha, rouxinóis levantam voo, nascentes gorgolejantes vêm à superfície. Outeiros elevam-se. A imensidão única da natureza desenrola-se em todas as direcções e subitamente apercebemo-nos que se confundem as nossas percepções de distância e profundidade. Um suspiro cai sobre o cabelo como uma suave pétala, parece uma rocha no bramido do mar. Aquilo que imaginámos à distância ser um pico coberto de neve, é, de perto, o dedo dela, e esse não se derrete.

O pavio do nosso engenho dissolve-se e a opressora escuridão permanece uma mera sombra. Como quando a noite cai e continua a ser noite, ou como quando é dia e o dia se estende com persistência. E o vento sopra enquanto a alma suspira, chicoteando em toda a parte revirando e transformando-se numa bruxa, e lançando-se contra todos, contra tudo.

Filha. Ama-se. Teme-se. Agora vê-se. Agora não.

Todas as mulheres, não esqueçamos, são filhas.

Era uma vez uma infância. Uma luz branca e brilhante enchia o ar e a terra parecia unir-se ao céu. Balançava-se no céu, os braços pequeninos levantados, e davam-se os primeiros passos.

O ovo... estalou... agitou-se... escapou.

Então o vento começou a soprar e as nuvens começaram a balançar. Uma chuva de pó prateado atravessou o ar. Uma montanha distante foi ocultada por uma nuvem, dando-lhe a aparência de um enorme elefante descansando no cume. Uma árvore espreitou à janela e farfalhou na brisa e todas as suas folhas caíram como chuva.

O lábio inferior de Beti tremeu de choro e a Maa pegou-lhe ao colo. O que aconteceu a seguir foi que a Maa se tornou o lábio a tremer. Amparou a cabeça de Beti no ombro e começou a cantarolar entre dentes para a acalmar. Disse-lhe que o elefante grande estava à espera de que Beti o fosse montar, que os dois balançariam juntos, e as folhas coscuvilharam: *ouçam, ouçam, eles estão a contar histórias.*

E Beti sorriu. E isso fez com que a Maa também sorrisse.

O choro de Beti abrandou gradualmente e transformou-se num suspiro, a Maa também passou do choro ao suspiro.

Beti adormeceu e a Maa envolveu a sua imaginação em sonhos maravilhosos.

E nesse momento o amor tomou a forma de um corpo. A respiração da Maa acalmou, a da Beti transformou-se num gorgolejo e as costas do elefante gritaram de alegria.

Porque... As folhas disseram que o amor não era bom para a saúde.

Ou é altruísta e de bom grado se daria a própria respiração ao outro, ou é egoísta e devorar-se-ia a respiração do outro.



Descubra mais em
gruponarrativa.pt